

# Os que não quiseram ser condes

Celso Maria de Mello Pupo

CMP 2.1.9.73

Foi uma reunião encantadora, em volta de uma mesa na qual serviu-se um jantar gostoso de cuscuz regado de vinho envelhecido em casa; presentes só amigos, e verdadeiros amigos, uns mais velhos, outros moços em nível de filhos, completando uma cordialidade de verdadeira família, com as gradações de idades envoltas em simpatia e estima sincera. Um bispo resignatário com a expressão de sua bondade e na simpleza de uma superior cultura, senta-se à direita do anfitrião, um moço engenheiro dinâmico, de carreira brilhante e futura, reunindo a atividade e o entusiasmo por vida de realizações, com a prudência, a sabedoria, a caridade.

Uma senhora, tia do anfitrião e sua mãe amorosa de criação, na sua ansiedade atraente, acenava discretamente ao co-anfitrião, para que se não descurasse das atenções desveladas com que recebiam seus convidados; nisto mais se estremava a senhora da casa, moça titulada em engenharia, gênio artístico de profundo espírito observador que socorria o jovem esposo nas descrições de vistas fotográficas exibidas e tiradas recentemente em viagem pela Europa. Dos convidados, além de Sua Excelência, a brilhante cultura de um Monsenhor, jovem setuagenário o que não fugia de revelar sua idade de registro, assim como não podia esconder a mocidade de seu espírito; mais um casal de moços, êle engenheiro de grandes dotes e ela encantadora e vivaz a fazer perfeito par de esposos felizes; a filha e o cronista no goso da magnífica companhia e da estima fraterna que o liga ao promotor do jantar, cavalheiro finíssimo, culto e amigo leal.

Muita cordialidade, alegria franca, assuntos variados, até surgir uma saudação do grande campineiro Dom João Batista Correa Neri; foi quando Monsenhor relatou passagens da vida dêste notável bispo, tradições que devem ser escritas para que não feneçam ou não se deformem, pois ainda se consolidam em testemunho valioso e idôneo. Dom Neri, filho de Campinas, desde cedo deixou perceber quanta bondade trazia no coração; multiplicando seus amigos e admiradores desde os seus tempos de seminário, continuou espargindo o bem com o seu sacerdócio como vigário da Matriz Velha (hoje do carmo) e como fundador e primeiro bispo de três dioceses, das quais duas são hoje sedes metropolitanas de arcebispados.

Profundamente caridoso, de grande cultura e primoroso orador, amigo sincero, Dom Neri crescia ininterruptamente num prestígio aureolado da estima verdadeira que infundia nos que o cercavam como nos que o conheciam de longe; sua passagem por Vitória e Pouso Alegre, deixou marcas indeléveis do seu grande zelo apostólico e de realizações robustas que lhe fizeram granítico pe-

destal de glória mesmo antes de vir fundar o bispado de Campinas.

Na caridade de Dom Neri, o amor aos pequeninos o comovia intensamente fazendo-o um seguidor do Nazareno, também no desvelo com as crianças e, assim, um fato de sua vida deve ser contado como ilustração do que realizou fundando creche em Campinas. Sentiu êle a necessidade desta creche; dispondo de terreno, resolveu construir o necessário edifício, para o que necessitava de dinheiro; com um dos seus mais queridos seminaristas, foi a casa do seu extremado amigo Bento Quirino, e lá fez o seu pedido de abertura de um livro de ouro, esperando uma generosa contribuição, pois bem conhecia a grandeza do coração para quem apelava. Bento Quirino respondeu gracejando: — «padre Neri, você ainda não perdeu o costume que tinha desde vigário, de viver pedindo?» O bispo não se surpreendeu e, com bonomia, retrucou que eram contingentes irremovíveis do seu apostolado, enfrentados sem temor; continuou Bento Quirino gracejando, para declarar que não abriria nenhum livro de ouro, e, passando a falar sério, que o bispo mandasse construir o prédio e quinzenalmente apresentasse a conta das despesas que êle as pagaria até final! Duas grandes caridades que se completavam para o bem de Campinas.

No Museu Arquidiocesano de nossa cidade, ha uma conhecida e histórica fotografia da comissão encarregada da fundação do bispado, reunida em lauta refeição na residência de Antônio Carlos do Amaral Lapa, no dia 14 de março de 1907. Estão presentes na foto, no alto da varanda, junto ao parapeito, Dom Duarte Leopoldo e Silva, então bispo de São Paulo, Dom João Batista Correa Neri, então bispo de Pouso Alegre, Monsenhor Exequias Galvão da Fontoura, Cônego Otávio Chagas de Miranda, depois terceiro bispo de Pouso Alegre, Padre Péricles, depois vigário de São Geraldo das Perdizes. No jardim diante da varanda, em pé, Henrique de Barcelos, Vicente Fragoço Ferrão, Sabino Júlio de Barros, Vitor Brenneiser, Antônio de Castro Mendes, Dr. João de Assis Lopes Martins, Dr. Heitor Teixeira Penteadó, Antônio Alvaro de Sousa Camargo, Dr. Paulo Alvares Lôbo, José Teixeira Nogueira, Júlio Frank de Arruda, Benedito Otávio de Oliveira, Dr. Antônio Rodrigues de Mello e Leopoldo do Amaral; sentados estão, Antônio Carlos do Amaral Lapa, Cônego Manuel Ribas d'Ávila, Cônego Pedro dos Santos, Cônego Francisco de Campos Barreto, depois segundo bispo de Campinas, e na escada, Antônio Lapa Filho.

Esta foi a comissão que desenvolveu suas atividades pela fundação do bispado de Campinas; em tais trabalhos e para a constituição do patrimônio, destacaram-se três elementos por uma atuação mais extensa e mais profunda, fazendo-os beneméritos num verdadeiro aposto-

lado de difusão religiosa. E Dom Neri, depois de bispo de Campinas, quiz distingui-los, consultando a Santa Sé se concederia a êstes campineiros títulos honoríficos como mereciam por grandes serviços à Igreja.

Autorizado pelo Vaticano, Dom Neri dirigiu-se à casa de um deles, propondo-lhe que aceitasse a distinção que Sua Santidade lhe outorgaria, e que havia de se constituir de um título de conde. Mas Júlio Frank de Arruda recusou; sua modéstia ignorava seu grande merecimento, ou antes, desejava ignorá-lo. Seu desprendimento não se afinaria bem com tão alta elevação nobiliárquica; como o verdadeiro apóstolo, como o cidadão católico consciente da grandeza da obra sem prêmio na terra, desejava ser o mesmo seu Júlio sem coroa condal, o mesmo homem cuja mão esquerda ignorava o que distribuía a sua destra.

Mas como eram três os futuros condes, outros dois devem ser lembrados, outros dois beneméritos e virtuosos católicos que se igualavam a Júlio Frank no desprendimento, na grandeza de alma e na modéstia: eram Antônio Carlos do Amaral Lapa e Antônio Rodrigues de Mello que, também, não quiseram ser condes.

Júlio Frank de Arruda vinha dos velhos paulistas, era filho de Bernardino José de Arruda, sobrinho paterno do Barão de Atibaia e primo irmão da Baronesa de Paranapanema, além de outros parentescos com a fidalguia do Império, e, portanto, com forte razão para aspirar um título nobiliárquico. Antônio Lapa, filho de Francisco Inácio do Amaral Lapa e de D. Petronilha Egídio de Sousa Aranha, era sobrinha do Marquês de Três Rios e da Baronesa de Itapura, e neto da Viscondessa de Campinas, elemento ligado pelo sangue à nobiliarquia imperial. Antônio Rodrigues de Mello, casou-se na família Teixeira Nogueira; seus pais foram Antônio Soares de Mello e D. Antonio Rodrigues do Prado, casados em Campinas aos 28 de novembro de 1868; seu sogro era primo irmão e, em primeiras núpcias, cunhado do Barão de Ataliba Nogueira, parentes todos de titulares do Império como o Marquês de Baependi, o Conde de Baependi, o Visconde de Nogueira da Gama, o Barão de Juparana, o Barão de Santa Mônica, êste genero do Duque de Caxias. Todos os três, portanto, com sobejos motivos para uma atração pelos títulos e honrarias; mas não quiseram ser condes, preferindo continuar como o seu Júlio Frank, o Seu Totó Lapa e o Dr. Mellinho, como testemunhou o nosso querido amigo de infância, Monsenhor Luís Fernandes de Abreu.

Mais se avulta o valor destas recusas, quando se sabe que, em todos os tempos, muita gente correu atrás de títulos, comendas e distinções; até hoje ainda, ou talvez ainda hoje maior procura haja, de honrarias para satisfazer vaidades.